

A formação do sujeito-leitor no Ensino Fundamental: contribuições das histórias em quadrinhos

Barbara Arcanjo Campos

Resumo: Este artigo tem como propósito apresentar os resultados da pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), tendo como tema as preocupações sobre a formação de sujeitos-leitores em classes de 4^o e 5^o ano do Ensino Fundamental. O estudo teve como principal objetivo entender os hábitos de leitura dos alunos e investigar os saberes dos professores sobre quadrinhos na promoção do desenvolvimento infantil. Dessa forma, a metodologia usada foi a Análise de Discurso de matriz francesa pêcheuxiana, que nos guiou à conclusão que o currículo engessado das escolas limita as práticas pedagógicas, influenciando a rotina de leitura dos educandos. **Palavras-chave:** Educação; História em Quadrinhos; Sujeito-leitor; Análise de Discurso.

The formation of the subject-reader in Elementary School: contributions of comics

Abstract: This article aims to present the results of research financed by the Foundation for Research Support of the State of São Paulo (FAPESP), having as its theme the concerns about the formation of

Barbara Arcanjo Campos. Graduada em Pedagogia pela FFCLRP-USP. Email: barbara.arcanjo.campos@hotmail.com

subject-readers in 4th and 5th grade classes of Elementary School. The main objective of the study was to understand the reading habits of students and investigate the knowledge of teachers about comics in promoting child development. Thus, the methodology used was the Discourse Analysis of a French Pêcheuxtian matrix, which guided us to the conclusion that the rigid curriculum of the schools limits the pedagogical practices, influencing the students' reading routine.

Keywords: Education; Comics; Subject-Reader; Discourse Analysis.

I. Introdução

O presente artigo tem como tema principal a pesquisa de Iniciação Científica, realizada no ano de 2017, orientada pela Prof^a Dr^a Filomena Elaine Paiva Assolini, e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em que aborda a influência das Histórias em Quadrinhos na formação do sujeito-leitor no Ensino Fundamental, além do referencial teórico da Análise de Discurso (AD) pêcheuxtiana e estudos dos teóricos da área dos quadrinhos. Além disso, o objetivo geral desta pesquisa era investigar *se* e *como* as Histórias em Quadrinhos (HQs) são trabalhadas em sala de aula do Ensino Fundamental de escolas públicas. Como objetivos específicos destacamos: indagar se os alunos de 4^o e 5^o anos do Ensino Fundamental conhecem as HQs e as leem fora do contexto escolar; e investigar os saberes dos professores sobre os quadrinhos, para o desenvolvimento da leitura de crianças de 4^o e 5^o anos do Ensino Fundamental.

Isto posto, devemos iniciar nossa reflexão pensando que vivemos em um momento de constantes mudanças, em que a mídia

é um dos principais agentes formadores de opinião e, desde a infância, somos influenciados por milhares de informações vindas de diversos meios de comunicação (SANTANA; FERREIRA, 2015), em especial, dos recursos tecnológicos a que temos acesso. Assim, podemos pensar em como a literatura consegue fôlego para resistir ao desenvolvimento da tecnologia que lentamente devora, com suas telas *touchscreen*, as relações construídas entre o homem e a leitura, deixando esta esquecida no seu tradicional arranjo, no formato de papel. Contudo, é possível refletir acerca de como tais meios digitais (*smartphones, tablets* etc.) também podem ser de grande auxílio na promoção e desenvolvimento da literatura, criando, de certo modo, uma aproximação do jovem e novo leitor com a literatura, gerando uma nova gama de possibilidades, tanto ao educador como ao educando, de atividades, dinâmicas e vivências, além de aulas mais ‘ricas’, de modo à (trans) formação desse aluno/leitor.

Nesta pesquisa, objetivamos nos ater à função social da leitura, da leitura de quadrinhos e as dificuldades na demonstração da importância das mesmas para a educação e a formação de leitores, devido a parâmetros que norteiam os princípios da alfabetização e do letramento escolar (TFOUNI; ASSOLINI, 2019).

Desejamos olhar mais atentamente para como a literatura desenvolve-se nas escolas, tendo em mente a prática docente atual, na qual nos deparamos com uma situação desafiadora para os educadores brasileiros, num cenário complexo, problematizado pelo excesso de responsabilidades, diante da falta de autonomia para o trabalho, a precariedade de recursos, e uma realidade que cerca o docente em suas práticas, bem como fomenta a sua desva-

lorização profissional. Porém, isso apenas nos motivou a pensar que essa situação, que dificulta o trabalho pedagógico, deve tornar o professor um sujeito pesquisador reflexivo acerca de suas práticas e, por consequência, transformador de sua realidade.

Para tanto, foram tecidas diversas reflexões acerca de como as HQs estão inseridas nas escolas pesquisadas e como circulam por entre os sujeitos-professores e alunos, além de compreender, de maneira inicial, como educadores e educandos relacionam-se com os quadrinhos, atendo-nos à maneira com que são utilizados em sala de aula e sua influência nas práticas de leitura dos alunos.

2. As Histórias em Quadrinhos e sua presença na sala de aula

Ao longo de nossa pesquisa, pudemos observar que os estudos sobre HQs são escassos quando comparados a outras áreas de pesquisa com mais tempo no mundo acadêmico, sendo desafiador compreender sua linguagem ímpar e explorar adequadamente suas possibilidades em sala de aula, uma vez que é preciso que seja (re)vista e (re)conhecida a todo instante para além dos sentidos literais e de sua opacidade, ou seja: não apenas como simples entretenimento, mas um meio de (trans)formação e instrumento de desenvolvimento cultural, social e intelectual. Assim, destacamos que “embora as HQs sejam um meio rico e complexo como qualquer outro, a pesquisa sobre quadrinhos também foi, por muito tempo, um campo negligenciado nos estudos da Mídia” (LUYTEN, 2013, p. 49).

Compreendemos os quadrinhos como obra aberta, passível de inúmeras interpretações, que possibilita uma leitura autônoma,

e constitui-se na profusão de temas, títulos, públicos e variantes narrativas. Sendo assim, as capacidades de articulação a que as HQs se dispõem para ampliar seu escopo vão além, pois se diferem em inúmeras modalidades textuais e artísticas, bem como em diferentes gêneros, dando ao educando diferentes opções sobre como agir, refletir e usufruir o texto, podendo encontrar, em algum momento, por si próprio ou com auxílio do professor, sua “voz” como leitor, identificando-se como sujeito capaz de compreender o que está além da superfície dos dizeres. É essencial ao professor munir o aluno de possibilidades literárias para que possa aprender acerca de si, do outro e da sociedade que o cerca.

É relevante destacarmos, também, como as políticas públicas educacionais lidam com a presença das HQs em sala de aula. Embora seja de pouco conhecimento, as experiências com quadrinhos se deram a partir da década de 1980, em livros didáticos, de forma tímida, utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias, que antes eram explicadas com um texto escrito. “As HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas” (VERGUEIRO, 2016, p. 20).

Devemos pensar, assim, que os quadrinhos são, atualmente, um recurso a mais na educação, além de um meio de aproximação com os alunos. O professor pode e deve propiciar momentos relevantes e instigantes aos alunos por meio da leitura visual e de elementos que constituem sua realidade. Para além disso, o educador tem de buscar também fazer o aluno produzir, mas não

apenas para cumprir um currículo, mas para levar o aluno a refletir e apre(ender) o conhecimento ali contido.

É possível, então, inferir que as HQs estão situadas no âmbito do *discurso lúdico*, pois promovem inúmeras possibilidades de trabalho e reflexão acerca dos sentidos presentes, tanto pelos educandos quanto pelo professor. Acreditamos ser importante destacar, de maneira breve, o conceito de discurso lúdico, entendido por Orlandi (1996 *apud* ASSOLINI, 1999), como sendo aquele em que a reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, sendo resultado disso a polissemia aberta.

Portanto, podemos entender que, sendo este o foco desta pesquisa, entre os quadrinhos e a literatura existem inúmeros diálogos possíveis para que possam se estabelecer práticas discursivas a fim de legitimar e valorizar os enunciados dessa linguagem como para além da arte, mas também da comunicação e formação social.

2.1. A leitura e o sujeito-leitor no contexto escolar

Quanto ao sujeito-leitor, vale ressaltar que, num primeiro momento, filiamo-nos à definição de *sujeito* concebida pela AD, entendido como sócio-histórico e ideológico, pois é marcado por espaços e tempos determinados; interpelado de indivíduo em sujeito pela ideologia que o cerca e constitui. Desse modo, ocupa determinadas posições para que, a partir destas, possa produzir seus dizeres, para ser reconhecido. “[...] O sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual: pelo contrário, é so-

cial a forma dessa apropriação e nela se marca a sua interpelação pela ideologia” (ASSOLINI, 2003, p. 22). Portando, para a AD, o sujeito é

[...] atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas (ORLANDI, 2009, p. 49).

Em vista disso, ressaltamos também a *leitura*, não apenas com a função de comunicação, mas, principalmente, mediação e transformação do homem com sua realidade. A leitura, conforme Orlandi (2012), não pode ser considerada como uma decodificação, na qual se proporiam de técnicas que derivariam de conhecimentos linguísticos específicos, mas a leitura é o momento crucial na constituição do texto, momento que se configura o espaço da discursividade e em que se instaura um modo de significação específico, que o leitor entende. Assim, a presença da literatura, entendida como arte das palavras, como uma “obra aberta” (ECO, 1993 *apud* ASSOLINI, 2013), transformou-se, tendo em vista, no contexto escolar, que antes era vista como um meio de captar determinada mensagem, é entendida hoje, por diferentes teóricos e estudiosos, como um processo na constituição de sentidos em que o sujeito-leitor vai além da simples decodificação e assume uma posição ativa com relação às suas ideias e reflexões. Dessa forma, concordamos com Orlandi (2012), pois a leitura pode ser entendida ao mesmo tempo como uma questão linguística, pedagógica e social.

Posto isso, devemos pensar que a escola pode e deve propor diferentes formas de leitura, permitindo ao aluno identificar-se com esta através de sua própria história, compreendendo-a como parte constituinte de seu discurso e realidade. A leitura é produzida segundo condições determinadas, isto é, em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. É a partir da bagagem cultural e das trocas que é constituída a racionalidade dos alunos.

CALVIN



Figura 1 - Tira de “Calvin e Harold”: exemplo de como a escola pode podar e silenciar seus alunos. Fonte: WATTERSON, Bill. 1991.

A figura 1, acima, ilustra uma forma como a escola e a família, no imaginário de que dariam conta dos conteúdos a serem ensinados às crianças, acabam por deixar de lado experiências e conhecimentos advindos dos alunos, e que deveriam ser integrados à educação e tidos como de grande importância no processo de construção da aprendizagem, além de desenvolver a identidade e o pertencimento escolar, permitindo ao aluno identificar-se com a leitura. Acerca disso, podemos citar os quadrinhos como um poderoso instrumento nesse processo, pois trata-se de uma linguagem e produto cultural com uma abordagem amplamente aberta, demonstrando inúmeras possibilidades expressivas, um

forte canal de propagação do pensamento humano (SANTOS; NETO, 2015), porém, para além de um simples produto, as HQs são uma arte, cujo conteúdo permite o acesso a diferentes sentidos, interpretações mais profundas e leituras mais sofisticadas acerca da sociedade e do mundo.

Entendemos que os quadrinhos possuem importância fundamental no que tange as questões educacionais, pois, em decorrência da diversidade de temas que podem abordar, possuem alto nível de informações circulantes que muito contribuem na formação do educando. Há uma melhoria do vocabulário dos alunos, pois ao tratarem de assuntos variados introduzem novas palavras aos estudantes, o que atende a sua necessidade na procura e utilização de expressões e valores na comunicação, bem como por possuir carácter elíptico, a linguagem das HQs obriga ao seu leitor pensar e imaginar, dessa forma o aluno é constantemente instigado a exercitar seu pensamento completando os momentos que não são expressos graficamente.

Dessa maneira, é necessário que, para a formação do sujeito-leitor, o educador seja um mediador ao mesmo tempo que atento e sensível quanto a suas práticas em sala de aula, pois “a natureza artística dos quadrinhos, essencialmente lúdica, viabiliza [...] uma formação leitora mais complexa, mais criativa” (PINA, 2014, p. 215). Com isso, nos é possível observar um refinamento dos discursos desses sujeitos a fim de conferir as especificidades necessárias ao desenvolvimento da sua autonomia e suas relações com essa linguagem.

3. Aspectos metodológicos e *corpus* de análise

Em nossa pesquisa, o *corpus* constituiu-se a partir das contribuições da AD. Buscamos entender, por meio de entrevistas e dados observados ao longo da pesquisa, como a leitura de HQs se dá no contexto escolar e nos processos de ensino-aprendizagem em salas de aula do Ensino Fundamental.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 4 (quatro) professoras, sendo que 3 (três) ministram aulas para o 4^o ano e 1 (uma) ministra aulas para o 5^o ano do Ensino Fundamental; e 10 (dez) alunos do Ensino Fundamental, sendo 7 (sete) alunos de turmas do 4^o ano, e 3 (três) alunos de turmas do 5^o ano. Sendo assim, foram divididos em Escola A e B, Professoras 1 a 4 e Alunos A a J. Com o uso de um questionário semiestruturado, foram observadas, em média, cerca de 15 (quinze) horas/aula ministradas por cada uma das professoras, durante os meses de maio e junho de 2017, e as observações realizadas foram registradas em caderno de campo, utilizado para a composição do *corpus* de análise.

Dessa forma, torna-se necessário esclarecermos que, de acordo com a perspectiva discursiva, só podemos falar em *corpus* a partir da consideração dos dados e das condições de produção, levando-se em conta os objetivos e princípios teóricos que, orientando toda a análise, “possibilitarão uma leitura não subjetiva dos dados” (ORLANDI, 1996, p. 139). Assim, a partir desse amplo “espaço discursivo”, foram selecionados alguns recortes, que evidenciam alguns indícios linguístico-discursivos a respeito dos discursos dessas professoras e alunos, sendo-nos permitido ob-

servar se, na prática de sala de aula, seguem o mesmo discurso das entrevistas.

Enfatizamos aqui que esses recortes levaram-nos a entender, num primeiro movimento os processos discursivos presentes, possibilitando-nos explicar o funcionamento do discurso e sua relação com as formações discursivas e determinadas formações ideológicas. “[...] Todo discurso se estabelece sobre um discurso anterior, apontando para outro [...]. O que existe não é um discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo, do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (ORLANDI, 1996, p. 23). Assim, nossos “recortes” foram constituídos a partir das entrevistas com docentes, estudantes e, também, a partir das observações realizadas em sala de aula.

Foram selecionadas algumas *sequências discursivas* para análise, sendo tidas aqui como *sequências discursivas de referência* (S.D.R.) (COURTINE, 1981), que nos trouxeram indícios reveladores sobre os discursos desses sujeitos-professores (S-P) e sujeitos-alunos (S-A), além de constituírem nosso recorte discursivo para além de algumas explicações e explanações, mesmo que de maneira inicial, das falas das professoras e alunos entrevistados.

Dessa forma, nossas análises consideram as marcas da ideologia, das brechas e dos equívocos a que a língua está sujeita. Essa opacidade na língua nos leva a perceber as falhas presentes no discurso das professoras e alunos, nas quais podemos verificar se realmente há a presença na memória discursiva de conceitos relacionados à função das HQs e o seu uso em sala de aula.

4. Análises discursivas: traçando alguns breves caminhos...

Apresentamos neste tópico depoimentos dos sujeitos entrevistados, sendo primeiramente recortes fiéis, e, em seguida, análise inicial, tendo em mente que os sujeitos entrevistados são constituídos na/pela linguagem (PECHÊUX, 1988), e que tal constituição terá a influência de determinada ideologia. Portanto, em nossas análises, iremos considerar que os sujeitos e os seus discursos analisados são interpelados pelo interdiscurso e os sentidos que circulam em si.

Em nosso tempo em sala de aula, observamos, num primeiro momento, as turmas 1 e 2, na Escola A, que trabalharam de forma mais ‘viva’ com as HQs. Os alunos da turma 1 desenvolveram atividades de produção de pequenos quadrinhos e/ou tirinhas com base no que fora explorado com a professora nas aulas, procurando entender a função dos tipos de balão de fala, onomatopeias, expressões faciais dos personagens etc., sendo que as produções seriam posteriormente expostas no festival da escola. Encontramos aqui um movimento, por parte da professora, de fato, de perceber o potencial dos quadrinhos para as crianças. Na turma 2, há um movimento semelhante ao encontrado na turma 1, em que a educadora trabalha de forma mais dinâmica, promovendo momentos de conversa e reflexão ao longo da leitura conjunta dos gibis com os alunos, em que todos podem expor suas ideias e interpretações acerca do que está sendo desenvolvido, porém as atividades de produção são ‘empobrecidas’ por métodos tradicionais voltados para a cópia de trechos do texto.

Ambas docentes relatam nas entrevistas que têm consciência da importância das HQs na formação das crianças e jovens, sempre procurando inovar suas práticas, mas observamos que ainda estão presas a um currículo fechado, porém é possível ver um movimento de mudança por parte destas educadoras.

Já na Escola B, pudemos perceber que na turma 3 trabalhou-se prioritariamente a partir do uso do livro didático, prática seguida da produção de uma tirinha, atividade que foi pouco dirigida pela professora, com a finalidade de simples produção para cumprimento do currículo. Na turma 4 ocorreu o inverso, houve o desenvolvimento teórico das características estruturais dos quadrinhos, contudo a educadora não promoveu qualquer atividade de produção que envolvesse de maneira crítica os quadrinhos, apenas o tradicional movimento de cópia e pouca reflexão. Em ambas as turmas, 3 e 4, os quadrinhos estão voltados ao cumprimento do currículo, que se mostra, nessa escola, um forte cerceador das práticas docentes (o currículo engessado, uma gestão rígida, avaliações externas etc.), o que impossibilita práticas mais ‘ricas’ e amplas.

Seguimos para nossos gestos de análises sobre os recortes:

Recorte 1

“Assim, ela distribuiu uma tirinha para a turma (e para mim), pedindo que todos lessem individualmente e em silêncio por alguns instantes, pensando no humor que havia na mesma. Quando terminaram de ler, ele pediu que colassem a tirinha numa folha à parte do caderno, reescrevendo os escritos da tirinha em prosa e logoa abaixo o humor contido na mesma”.

Caderno de Campo - Escola B - Turma 4 - 4º ano (grifos nossos)

Como é possível observar, a fala e a prática desse sujeito-professor trazem indícios de aulas mecânicas, sem a exploração do que as HQs podem oferecer além da simples cópia e transcrição. Por meio dos quadrinhos é possível trabalharmos muito além: desde as cores, temática, o uso dos quadros, balões e onomatopéias, a questões sociais e políticas que circulam na sociedade, não apenas sua função para a alfabetização, mas de fato entendê-la como, de acordo com Vergueiro e Ramos (2015), vitrine cultural e social para o ensino.

Além disso, o trabalho com os quadrinhos feito pela professora “*individualmente e em silêncio*” é uma questão interessante, pois a formação discursiva aqui posta, em que a leitura das HQs deve ser feita individualmente, no qual o já-dito está presente em sua fala, a faz parecer uma verdade absoluta, entendendo a leitura dos quadrinhos apenas para si e silenciosamente, algo que se mostrou recorrente, baseado em nossas observações, sem um trabalho dinâmico e vivo.

Recorte 2

P: Para você, quais os elementos essenciais para constituir uma história em quadrinhos?

S-A: “Eu acho que ter várias aventuras. Ter aventura, ter coisas engraçadas, ter emoção, ter várias coisas. Porque senão não vira (uma HQ)”.

Sujeito-Aluno 2A-D

A resposta do sujeito-aluno permite-nos pensar, num primeiro momento, a respeito de sua *memória discursiva* em relação às HQs. Entendemos a memória discursiva como “[...] saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna, sob a forma do

pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2009, p. 31). Desse modo, possivelmente, esse sujeito não compreende de forma completa a estrutura das HQs, pois, segundo nossas observações, não teve acesso aos outros sentidos presentes no gênero, a uma memória discursiva que compreendesse os outros sentidos possíveis além daqueles apresentados pela professora, sendo pouco explorados, no qual seu interdiscurso, o já-dito relacionado às HQs, está ligado a essa estrutura para coisas apenas engraçadas, aventuras, emoção etc.

Concordamos com Orlandi (2009, p. 42) quando diz que o imaginário é eficaz, mas “[...] ele não ‘brota’ do nada. Assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas em uma sociedade como a nossa, por relações de poder”. O imaginário presente neste discurso, no qual circula a ideologia ‘empobrecida’, traz a ideia de HQs com o objetivo apenas para diversão e auxílio da leitura e escrita. Contudo, o sujeito tem a necessidade da apropriação da cultura, mas, se não lhe for proporcionado isso, permanecerá com uma visão tênue das HQs, aquela afirmada pela professora.

Portanto, para que o sujeito se constitua como sujeito-leitor e autor, entendemos como necessário o enriquecimento de sua bagagem discursiva (*interdiscurso*), pois será aportando desta, a partir das oportunidades de discussão e exploração dos sentidos que os quadrinhos oferecem, que ele formulará seu discurso (*intradiscurso*), de modo que influenciará na sua relação, formação e visão quanto à leitura, não apenas de quadrinhos, mas da literatura para a vida.

5. Considerações finais...?

Diante dos elementos apontados, e pensando as condições de produção presentes nesta pesquisa, pudemos perceber que muitos foram os fatores em que as HQs mostraram-se influentes na formação do sujeito-leitor, de modo que a forma como são trabalhadas é fator preponderante para que os alunos (e professores) tenham determinado gosto e conhecimento por esta linguagem.

Nos recortes analisados, ficou clara a construção ideológica presente na noção dos quadrinhos, voltado para o ensino da leitura e escrita e do uso do material didático do Programa Ler e Escrever¹. A utilização frequente de gibis e tirinhas, majoritariamente da Turma da Mônica, tendo como foco a questão humorística, indicia que os professores investigados filiam-se a formações discursivas (FD) nas quais predominam preocupações com avaliações externas, como o SARESP. As FD têm reflexo direto no trabalho dos professores observados, que entendem as HQs como uma linguagem inferiorizada e que pouco agrega valores ao ensino-aprendizagem e instrumento de formação social, encarando-as como ‘apenas’ passatempo ou entretenimento.

Para além disso, é importante refletirmos acerca de como é fundamental que o professor aproprie-se dessa a fim de contribuir para ampliar seu repertório cultural e discursivo, para que ele se instrumentalize e traduza-o em práticas pedagógicas significativas

1. O Ler e Escrever é um programa elaborado pelo Governo do Estado de São Paulo, sendo um conjunto de linhas de ação de materiais pedagógicos, constituindo-se como uma política pública para o Ciclo I, que busca promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual.

para seus alunos. Segundo Bari (2015, p. 59) “a formação do gosto leitor só chega ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gostar de ler, ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência da leitura”. Podemos entender as HQs na qualidade de ferramenta que auxilia na formação para a leitura, pois necessita serem vistas como instrumento de humanização, de reencontro do ser humano com a sua humanidade, como para além da reflexão, (trans)formação e (re)encontro de si.

Contudo, podemos observar que alguns dos professores têm o desejo de trabalhar as HQs de forma mais dinâmica e significativa, porém devido a esse saber desapropriado, observamos um engessamento das práticas pedagógicas desses professores, em detrimento de um currículo fechado, que possui reflexo direto no imaginário desses sujeitos, e em um trabalho pedagógico que visa ‘apenas’ as características básicas de composição e transcrição das HQs. É possível observar que tal pensamento acaba por ecoar no modo como os alunos encaram os quadrinhos, revelando-nos a escassez e a precariedade no auxílio desses professores em suas práticas, além de materiais diversificados, como os fornecidos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) ou Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Para além do trabalho docente, compreendemos o processo educacional como um todo, em que a escola, enquanto *locus* de aprendizagem e de apropriação cultural, deve propiciar aos seus educandos o acesso às mais diversas formas de linguagens, como bem são mencionadas em leis como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de modo que é importante que a escola esteja

ciente da sua principal função na formação do sujeito em toda a integralidade desse direito.

Contudo, devemos nos lembrar de que o professor é cooptado pela ideologia hegemônica, ou seja, ele é também vítima do discurso que o envolve, de políticas, de uma formação deficitária, da falta de recursos e de suas condições de trabalho e, como dito anteriormente, muitas vezes é guiado por estímulos externos, como o material didático, provas, avaliações externas, bonificações por desempenho etc., engessando, assim, seu trabalho, em que visam meramente à decodificação dos códigos, ou seja, o educador além do pouco tempo para trabalhar as HQs, ou outros tipos de materiais, precisa dar conta de passar os conteúdos exigidos a fim de manter o “bom” desempenho de seus alunos.

Sendo assim, entendemos que o discurso não é fechado, e os sentidos são múltiplos. O discurso abre janelas e portas para inúmeros sentidos que nunca se esgotam. Dessa forma, a análise aqui feita e discutida é apenas uma das janelas dentro das infinitas possibilidades discursivas a que se é possível acessar.

Referências

ASSOLINI, F. E. P. *Pedagogia da leitura parafrástica*. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1999.

_____. *Interpretação e letramento: os pilares de sustentação da autoria*. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia) - Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

_____. O discurso lúdico na sala de aula: letramento, autoria e subjetividade. In: ASSOLINI, F. E. P.; LASTÓRIA, A. C. (org.). *Diferentes linguagens no contexto escolar: questões conceituais e apontamentos metodológicos*. Florianópolis: Insular, 2013.

BARI, V. A. História em Quadrinhos e leitura: desafios colocados aos educadores. In: NETO, E. S.; SILVA, M. R. P. (org.). *Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola, e agora?* São Paulo: Criativo, 2015. p. 45-59.

COURTINE, J.J. Analyse du discours politique. In: *Language*, 62: Larousse, Paris: 1981.

LUYTEN, S. M. B. Implodindo preconceitos: A conduta na pesquisa das histórias em quadrinhos. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P.; CHINEN, N. *Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Criativo, 2013. p. 48-54.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Pontes, 1996.

_____. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PINA, P. K. C. A literatura em quadrinhos e a formação do leitor hoje. In: RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; FIGUEIRA, D. *Quadrinhos e Literatura: diálogos possíveis*. São Paulo: Criativo, 2014. p. 212-215.

SANTANA, A. M.; FERREIRA, L. G. *A TV e a educação: um estudo sobre a influência dos desenhos animados nos valores morais da criança*. Cadernos da Pedagogia, São Carlos, ano 9, v. 9, n. 17, 2015, p. 2-18, jul-dez, 2015.

SANTOS, R.; NETO, E. S. In: NETO, E. S.; SILVA, M. R. P. (org). *Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola, e agora?* São Paulo: Criativo, 2015. p. 15–25.

TFOUNI, L. V.; ASSOLINI, F. E. P.; PEREIRA, A. C. *Letramento: é possível uma escrita despida da oralidade?* PRÓ-POSIÇÕES (UNICAMP. ONLINE), v. 30, p. 1-21, 2019.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: BARBOSA, A. et al. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2016. p. 7-29.

_____.; RAMOS, P. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.* 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.